

DE CHIRICO: O SENTIMENTO DA ARQUITETURA

Casa Fiat de Cultura apresenta mais de 120 obras – entre pinturas, litografias e esculturas – do grande artista greco-italiano

Paisagens urbanas enigmáticas, cidades melancólicas de arquitetura antiga e clássica, mescladas a sombras e figuras humanas. Depois de atrair mais de 150 mil pessoas em Porto Alegre e São Paulo, a exposição *De Chirico: O Sentimento da Arquitetura – Obras da Fondazione Giorgio e Isa de Chirico* será apresentada na Casa Fiat de Cultura, em Belo Horizonte, onde poderá ser apreciada de 29 de maio a 29 de julho. Considerada a mais expressiva coleção de obras de Giorgio de Chirico (1888-1978) já exposta no Brasil, a mostra reúne 122 trabalhos – 45 pinturas e 11 esculturas produzidas no período denominado “neometafísico”, entre os anos 1960 e 1970, além de 66 litografias de 1930, apresentadas juntas pela primeira vez no país. A entrada e o transporte são gratuitos.

Com curadoria da crítica de arte e arquiteta italiana Maddalena d’Alfonso, a maioria das obras é da última fase do artista, morto em 1978. Os trabalhos desse período começam a ser produzidos nos anos 1960 e se caracterizam pela exaltação da cor, pelo caráter seco e a redução poética. Antecessor de algumas das mais importantes propostas do pensamento artístico moderno e contemporâneo, De Chirico promoveu, junto a Alberto Savinio, Carlo Carrà e Giorgio Morandi, aquela a que chamou de *arte metafísica*, ou *para além das coisas físicas*. “A ‘vida silente’ que emana das obras nos dá a sensação não só do sonho, mas também da desolação, da incongruência, do aspecto enigmático do lugar representado”, afirma.

Por arte metafísica, explica a curadora italiana, é preciso entender algo como pintura de memórias efetivas, distinta do surrealismo, em que o sonho e os delírios tornam-se os temas. A exposição apresentada ao público na Casa Fiat não se divide em núcleos temáticos. O processo de escolha das obras, pela curadoria, buscou, na verdade, aludir às principais “questões” identificadas nos quadros, esculturas e litografias de De Chirico: a história, a filosofia, as antiguidades, a atemporalidade. De Chirico explorou de forma singular figuras arquitetônicas reais e imaginárias de diferentes períodos, combinando-as com símbolos e corpos. “Selecionamos obras com as quais fosse possível problematizar esses aspectos, sem apresentar recorte homogêneo, uma vez que De Chirico se revelava bastante heterogêneo”, comenta Maddalena d’Alfonso.

Parte da programação do Momento Itália-Brasil, a exposição *De Chirico: O sentimento da Arquitetura* é uma realização da Casa Fiat de Cultura, da Fundação Iberê Camargo e do MASP. A mostra conta com patrocínio da Fiat Automóveis, copatrocínio do Banco Itaú, parceria institucional da APPA e apoio do Governo Federal, do Ministério da Cultura e da Embaixada da Itália no Brasil. A produção ficou a cargo da Base 7 Projetos Culturais.

Para o presidente da Casa Fiat de Cultura, José Eduardo de Lima Pereira, o “nonsense” de De Chirico não está ligado ao sonho. “É elaborado, cheio de referências clássicas, é uma reflexão que se traduz em um tratado, escrito em imagens, sobre a realidade do que não existe. A praça de De Chirico é um preito ao único “locus” possível para a cultura, a cidade. É uma exposição primorosa, esta que Maddalena d’Alfonso criou para atender ao desejo de Fábio Coutinho, nosso parceiro da Fundação Iberê Camargo.

De Chirico e a Fiat Automóveis

A relação entre a Fiat e De Chirico teve início há algumas décadas. O grande mestre da arte italiana realizava alguns esboços publicitários e, em 1950, produziu uma pintura a óleo do Fiat 1400. Apesar dos erros de Giorgio ao desenhar as proporções do automóvel, a Fiat decidiu imprimir o cartaz. “Ele desenhou várias alegorias mitológicas como pano de fundo para o lançamento do Fiat 1400. É um célebre cartaz. Foi uma passagem muito forte pela nossa empresa”, conta o presidente da Casa Fiat de Cultura, José Eduardo de Lima Pereira.

Trajektória

Nascido em 1888, na cidade grega de Volos – posto que o pai, o engenheiro Evaristo, tinha sido encarregado de construir toda a rede ferroviária daquela região –, de Chirico passa infância e adolescência entre aquela cidadezinha da Tessália e Atenas. Em 1906, logo após a morte do pai, transfere-se para Munique, na Alemanha. Em meados de 1909, vive na Itália, primeiro em Milão e, a partir de 1910, em Florença – a qual elege como sua pátria ideal, a ponto de adorar definir-se por “florentinus”. Na metade de 1911, parte para Paris, onde se estabelece até a entrada da Itália na Grande Guerra, em 1915. Após os anos de conflito – transcorridos sobretudo em Ferrara –, de Chirico se divide entre Roma, Milão e Florença, antes de voltar, em 1925, a Paris, onde permanece até a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Apenas depois de 1944 é que se estabelecerá, definitivamente, em Roma.

Cidadão do mundo, o artista viveu em diversas cidades da Europa e, também, em Nova York, fato que contribuiu para que, em seu trabalho, o imaginário urbano e a cidade encarnassem a dimensão interior e psicológica do homem moderno. A arquitetura está presente em toda a exposição e é um dos motivos centrais de De Chirico, que dizia: “O sentimento da arquitetura é, provavelmente, um dos primeiros que os homens experimentaram. As moradias primitivas encravadas nas montanhas, reunidas no meio de pântanos, indubitavelmente originaram nos nossos antigos avós um sentimento confuso, feito de mil outros e que desencadeou, no decorrer dos séculos, aquilo que nós chamamos sentimento da arquitetura”.

Para a curadora Maddalena d’Alfonso, De Chirico foi, sobretudo, um pensador e um grande viajante, além de um artista atualíssimo: “Em primeiro lugar, porque a cidade, hoje, é o lugar fundamental para a reflexão em torno do espaço coletivo. A cidade ainda nos representa como cultura, é onde procuramos pensar algo de novo e desejamos construir um futuro diferente. De Chirico também é atual por fazer associação entre as pinturas e os títulos de suas obras”, explica, ao ressaltar que toda a produção do artista é “dupla”, já que é permeada pela escrita e pela pintura: “Por essa razão, a construção de seu imaginário é extremamente sofisticada. Muitas vezes, o título da obra de arte é mais interessante do que a própria obra porque através do título se entra no imaginário do artista”.

O artista e a arquitetura

Giorgio de Chirico é um mestre do século 20, embora esse tenha sido o período em que a pintura buscou novas pesquisas formais, a exemplo do cubismo e do abstracionismo. Em tal cenário, o artista concentra-se na representação figurativa e nos significados a serem atribuídos às imagens. Para ele, a questão da arte reside no papel central atribuído à imagem, a fim de produzir conhecimento e suscitar indagações acerca da realidade. Sua pesquisa artística nutre-se de filosofia: inspirado nas teorias de Arthur Schopenhauer (1788-1860) e de Nietzsche (1844-1900), o pintor chega ao conceito da “arte metafísica”, capaz de revelar a obviedade das coisas e o *sem sentido* da busca de um mistério além das “coisas” reais. O mistério é sentimento, percepção e psicologia: é o próprio homem, sua habilidade criativa em produzir artefatos e formas – inclusive sociais –, sua capacidade de atribuir significado ao mundo por meio de uma narrativa.

O homem é o grande construtor e o grande metafísico, assim como a cidade representa o artefato por excelência, o fruto da civilização que não é possível recusar. Por isso, o espaço urbano é o principal tema de suas obras. Trata-se das cidades onde os indivíduos modernos são sujeitos dotados de *poiesis*, e revelam, no ato criativo, a aparente normalidade das coisas. A cidade se torna, então, o lugar da memória, onde não apenas se fundem temas, argumentos e ideias, mas também onde os pensamentos, sintetizados em imagens, se transmutam em sentimentos complexos.

Os grandes temas

As salas da memória

Em De Chirico, os cenários urbanos irrompem no interior de edifícios onde imperam inquietantes fragmentos arquitetônicos: pequenos templos, chafarizes e oficinas surgem ao lado de objetos anônimos. A a representação de salas na obra do artista alude a salas de visitas, estúdios, quartos de hotel cheios de objetos, cujos valores simbólicos se transmutam em ambientes alegóricos, calcados no modelo do Teatro da Memória, compostos segundo a teoria dos *loci* da mnemotécnica (arte da memória) de Giulio Camillo Delmino (c. 1480-1544). Esse teatro foi concebido pelo humanista renascentista Delmino.

O edifício é uma estrutura mnemônica retomada da retórica clássica, de modo a organizar o conhecimento do cosmo: um teatro de 49 setores, formados por sete fileiras distribuídas em sete níveis, cada um deles associado a uma figura simbólica da mitologia ou da cabala, do hermetismo ou da astrologia. De resto, essa hipótese é reforçada pelo lirismo dos títulos das obras, como *O Retorno de Ulisses*, *Natureza-morta evangélica*, *Le Regret* [O Lamento] ou *Le Rêve de Tobia* [O Sonho de Tobias], que concentram uma narração épica numa imagem.

hipótese é reforçada pelo lirismo dos títulos das obras, como *O Retorno de Ulisses*, *Natureza-morta evangélica*, *Le Regret* [O Lamento] ou *Le Rêve de Tobia* [O Sonho de Tobias], que concentram uma narração épica numa imagem.

Para de Chirico, a sensibilidade da convalescença, típica do louco ou do gênio, desestabiliza a memória e torna possível a presença simultânea de objetos arcaicos e modernos nos mesmos locais. Os espaços representados por ele não são apenas lugares definidos e identificáveis, mas, sobretudo, subsídios da memória.

O sentimento

Segundo o pensamento “dequiriquiano”, a cidade e a arquitetura exprimem a psicologia e a emotividade dos indivíduos e das coletividades, já que nelas se difunde a transbordante habilidade criativa do homem. Essa ideia do ato criativo ligado à psicologia revela paralelos entre De Chirico e os surrealistas, que o elegeram como seu mestre. De fato, o artista concebe a representação como o instrumento para interpretar o espaço e o tempo em chave subjetiva. A herança de seu imaginário perturbador encontra-se naquele mundo da arte e da arquitetura que põe em seu centro a cidade e os fenômenos sociais, identificando, no ato criativo, tanto individual quanto de grupos, o germe de uma renovada sociabilidade.

Arqueólogos

Os arqueólogos são, assim como as praças, um tema recorrente na pesquisa artística de De Chirico, a ponto de também se transformarem, nos últimos anos, em motivo da escultura. A transfiguração dos cenários urbanos permite ao pintor inserir-se em continuidade com a história, de maneira instintiva e natural, sem hiatos nem fraturas: de fato, há sincronia entre passado e presente, e seu modo de sentir a cidade deita raízes em um *húmus* existencial antigo, que remonta aos gregos, em cujo centro se erguia o homem de espírito e de poesia. Ou seja, o sujeito dotado, ao mesmo tempo, de *psyché* e *téchne* (alma e arte).

Em sua produção teórica, os arqueólogos representam um tema exemplar. Eles são, de fato, os laboriosos mineradores da história e da memória, de cujas vísceras obscuras extraem e trazem à luz os sinais de civilizações esquecidas, que subjazem como fundamento da nossa. São representados como corpos enrijecidos, estruturas compostas da sobreposição e do encaixe de elementos da arquitetura greco-romana (templos, capitéis, tambores de colunas caneladas, ruínas e fragmentos de paisagem arcádica), cobertos por um pano drapejado e como assentados em cátedras; têm o rosto dos manequins silentes, numa melancólica pose inclinada.

A melancolia

Para de Chirico, a melancolia é o sentimento do homem moderno, precisamente, pelo caráter introspectivo e inquieto. Deriva do grego *mélas*, negro, e *cholé*, bile, literalmente “bile negra” – daí o coloquial “humor negro”. Os gregos achavam que o caráter e o comportamento dependiam da combinação de quatro humores básicos: a bile negra, a bile amarela, a fleuma e o sangue, donde os estados de alma melancólico, colérico, fleumático e sanguíneo. A melancolia indicava um sentido de introspecção misturado à tristeza e era associado ao outono. Era considerada característica dos artistas, nos quais ainda reconhecemos uma sensibilidade reflexiva capaz de colher os aspectos da vida que escapam à maioria.

A pose do autorretrato de De Chirico, com a epígrafe “*et quid amabo nisi quod aenigma est?*”, remete à famosa gravura *Melancholia I* [Melancolia I], de Albrecht Dürer (1471-1528), e também foi assumida por Nietzsche no retrato de G. Schultze. A referência explícita à composição dureriana é indicativa da releitura dos clássicos feita pelo artista, uma vez que nela, como sugeriu Wöllflin, o espaço, as arquiteturas e os objetos, em virtude de sua forma e de seu caráter estilístico, aludem à psicologia da mulher representada como alegoria de um sentimento. Sentada, ela apoia, com a mão, o rosto inclinado e observa com ansiedade uma pedra desbastada à qual falta um centro de gravidade, provocando um estado de inquietude.

Programa Educativo

A cada exposição, a Casa Fiat de Cultura desenvolve um programa educativo para atender a todos os setores da sociedade: crianças, jovens, adultos, estudantes das redes pública e privada e grupos como associações e ONGs, entre outros.

Com concepção da educadora Rachel Vianna, o Programa Educativo da mostra contará com uma equipe de aproximadamente 25 educadores multidisciplinares, incluindo um educador surdo. A educadora explica que “existe a intenção de provocar um olhar mais atento e curioso sobre Belo Horizonte e sua região metropolitana, levando o visitante a refletir sobre a cidade que habita”. Para tanto, a proposta é fornecer referências para ajudar o visitante a situar a obra do artista não só em relação a seu contexto de produção, mas dentro de uma tradição histórica mais ampla.

referências para ajudar o visitante a situar a obra do artista não só em relação a seu contexto de produção, mas dentro de uma tradição histórica mais ampla.

O agendamento para grupos, escolas e assessoria ao professor poderá ser feito pelo telefone (31) 3289-8911 ou pelo e-mail: agendamento2@casafiat.com.br. Além das visitas de grupos e instituições, o Programa Educativo oferece também visitas temáticas para o público e para as famílias nos fins de semana, sem necessidade de agendamento.

Atividades especial para deficientes visuais

Para a exposição De Chirico: o Sentimento da Arquitetura, a Casa Fiat de Cultura desenvolveu um programa educativo com atividades especiais para os cegos. Trata-se do projeto de Acessibilidade, atividade que integra o “Arte para Jovens”, idealizado por Flávio Couto e Silva de Oliveira e Aída Ferrari, com supervisão da Associação Pró-Cultura e Promoção das Artes – APPA.

O destaque do Projeto é a acessibilidade ampliada por meio da percepção tátil de três esculturas, em bronze, que tiveram a autorização da Fundação Iza e Giorgio De Chirico para serem tocadas. São elas: De Chirico: “O Grande Metafísico”, com dimensões de 52x17, 5x23 cm; “O Grande Trovador”, com 76x13, 5x28,9 cm e “As Musas Inquietantes”, com 50x20x28 cm. Para Aída Ferrari, esse contato do público com deficiência visual, seja parcial ou completamente, com a escultura, é muito importante para a compreensão da obra de De Chirico. “São esculturas complexas e de grande relevância artística. Tocando-as, os cegos conhecem de forma real as sensações e produzem uma imagem mental muito melhor”, explica.

Além disso, algumas obras da mostra contarão com audiodescrições, criadas por meio de pesquisa histórica e social da obra, além de entrevistas com diferentes pessoas sobre suas sensações e impressões. O historiador e doutor em Educação, Flávio Couto e Silva de Oliveira, que também é cego, ressalta a importância dessa prática, pouco utilizada no Brasil: “crio textos sobre imagens visuais a partir da experiência do não ver, pensando em leitores e ouvintes que não veem, recriando imagens com a paleta mágica das palavras. É uma forma de possibilitar aos cegos o acesso a grandes acervos artísticos, que têm uma inserção cultural tão limitada”.

Um material educativo também está sendo preparado para que os professores possam trabalhar atividades relacionadas à exposição nas salas de aula. Esse material inclui projetos em braille e CDs com as audiodescrições. “É uma oportunidade extremamente rara, que deve ser aproveitada de todas as formas e que esperamos seja propagada em outros espaços culturais”, finaliza Aída Ferrari. Após cada visita orientada, haverá um bate-papo entre os visitantes e os dois idealizadores visando complementar as sensações obtidas.

Programação paralela

A programação paralela à exposição “**De Chirico: O Sentimento da Arquitetura**” prevê a realização de palestras temáticas, que começam no dia da abertura da mostra, 29 de maio. Todas as palestras começam às 19h30, no auditório da Casa Fiat.

Palestras

29/05 - 19h30

Palestra: De Chirico e o sentimento da arquitetura

Palestrante: Maddalena d’Alfonso - Arquiteta, crítica de arte e curadora

Sinopse: A curadora vai abordar vários aspectos da obra do artista que estão sendo apresentados na exposição. Entre os temas estão a cidade e a arquitetura como expressão da psicologia e da emotividade dos indivíduos e das coletividades, a melancolia como sentimento do homem moderno, os valores simbólicos que emergem dos cenários criados pelo artista, a sincronia entre o passado e o presente e o imaginário perturbador que marca as obras de De Chirico.

12/06 – 19h30

Palestra: Cidade e Modernismo

Palestrante: Marcos Hill - Professor da Escola de Belas Artes da UFMG.

Sinopse: Quando a proposta é pensar a relação entre cidade e modernismo, imediatamente muitas referências surgem, em uma dinâmica motivada pelo processo de industrialização ocorrido no mundo, ao longo do século XIX. Das fileiras dos preocupados, surgiram artistas, poetas e outros propositores, protagonistas do que hoje conhecemos como modernismo. Todos fruidores inquietos, visionários utópicos e questionadores insatisfeitos de uma cidade que acolhia seus sonhos, devorando suas esperanças.

questionadores insatisfeitos de uma cidade que acolhia seus sonhos, devorando suas esperanças.

27/06 – 19h30

Palestra: A cidade na arte contemporânea em diálogo com De Chirico

Palestrante: Renata Marquez - **Pesquisadora e curadora do Museu de Arte da Pampulha**

Sinopse: A cidade é entendida pela arte atual como plataforma para uma experiência-pensamento capaz de desmaterializar a suposta solidez arquitetônica e de deslocar os lugares planejados repolitizando a ação artística. Aproximações contemporâneas da arqueologia urbana com o *objet trouvé* surrealista: o que poderíamos encontrar – ou antes: o que gostaríamos de buscar na cidade?

11/07 – 19h30

Mesa redonda

Participantes: Fabíola Tasca, Brígida Campbell e Rodrigo Freitas.

Mediadora: Rachel de Sousa Vianna

Sinopse: Nesse quarto e último encontro, as questões tratadas nas palestras anteriores serão retomadas a partir da perspectiva de três artistas que vivem e trabalham em Belo Horizonte e que têm a cidade como referência principal de sua produção. Assim, a proposta é encerrar a programação com uma discussão sobre como Belo Horizonte tem servido como tema e espaço da arte contemporânea.

Fabíola Tasca – Artista plástica, professora e pesquisadora

Brígida Campbell – Professora do Curso de Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFMG.

Rodrigo Freitas – Mestre em artes visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais.

As pessoas com deficiência auditiva que queiram participar das palestras deverão fazer inscrição com 24 horas de antecedência, para que seja disponibilizado o atendimento em Libras.

Cinema

A partir de junho, a Casa Fiat de Cultura dá início ao Ciclo de Cinema, que integra a programação da exposição *De Chirico – O Sentimento da Arquitetura*. Os apaixonados pela sétima arte terão a oportunidade de assistir ou rever filmes que retratam a vida e a obra do grande precursor do surrealismo Giorgio de Chirico. As sessões serão sempre aos sábados e domingos, às 17h.

Deserto Vermelho

(II Deserto Rosso, Itália, 1964)

Dia: 2 e 30 de junho e 22 de julho

Sinopse: Giuliana, uma infeliz esposa italiana, sofre de uma desconhecida forma de depressão. As suas rápidas mudanças de humor afetam todos em seu redor, mas eles, como ela própria, fingem que nada está verdadeiramente errado. Apenas o engenheiro britânico Corrado Zeller parece perceber o que Giuliana procura e com esse conhecimento, embarca num *affair* com a perturbada mulher.

Direção: Michelangelo Antonioni

Elenco: Mónica Vitti, Richard Harris, Carlo Chionetti

Duração: 120 minutos

Dias de Nietzsche em Turim

(Dias de Nietzsche em Turim, Brasil, 2001)

Dia: 9 de junho e 7 e 28 de julho

Sinopse: A recriação do período entre abril de 1888 e janeiro de 1889, em que o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) viveu na cidade de Turim, na Itália. Foi lá que Nietzsche escreveu alguns de seus textos mais conhecidos, como "Ecce Homo", "Crepúsculo dos Ídolos" e "Os Ditirambos" e entregou-se totalmente às suas próprias ideias, envolvendo-se com a arte, a ciência e sua própria vida.

Nietzsche (1844-1900) viveu na cidade de Turim, na Itália. Foi lá que Nietzsche escreveu alguns de seus textos mais conhecidos, como "Ecce Homo", "Crepúsculo dos Ídolos" e "Os Ditirambos" e entregou-se totalmente às suas próprias ideias, envolvendo-se com a arte, a ciência e sua própria vida.

Direção: Júlio Bressane,

Elenco: Fernando Eiras, Paulo José, Mariana Ximenes

Duração: 88 minutos

Enigma de um dia

(Enigma de um dia, Brasil, 1996)

Dia: 16 de junho e 14 e 29 de julho

Sinopse: Inspirado em quadro de De Chirico, o longa revela a experiência estética de um vigia ao se transportar ao universo metafísico do pintor italiano. O personagem "vagueia" por museus e ruas da cidade de São Paulo.

Direção: Joel Pizzini

Elenco: Leonardo Villar.

Duração: 17 minutos

O Limite

(O Limite, Brasil, 1936)

Dia: 23 de junho e 21 de julho

Sinopse: Em um barco à deriva, o filme narrará as histórias de desamor e desamparo de três pessoas em estado de absoluta desolação (um homem e duas mulheres, que os caracteres iniciais apresentam como homem 1, mulher 1 e mulher 2) .

Direção: Mário Peixoto

Elenco: Olga Breno, Taciana Rey, Raul Schnoor

Duração: 120 minutos

Casa Fiat de Cultura: seis anos de democratização da arte

Mantida pelas empresas do Grupo Fiat e inaugurada em 2006, em Belo Horizonte, a Casa Fiat de Cultura é o primeiro espaço cultural criado por uma fabricante de automóveis no País. Entre os objetivos da Instituição, que conta com programação de alto valor histórico, artístico e educativo, está o estímulo à circulação dos bens culturais, à difusão das culturas brasileira e mundial, à formação do público, à democratização do acesso às artes e à inclusão social.

Ao longo dos anos, a Casa Fiat tem conseguido superar o desafio de garantir experiências qualificadas e enriquecedoras para todos os públicos, capazes de gerar novas reflexões e conhecimentos, assim como de promover desenvolvimento humano e social. Nesses seis anos de atuação, mais de 450 mil pessoas visitaram o espaço cultural, que, desde sua inauguração, destaca-se por abrigar grandes mostras internacionais de artes plásticas e apresentações inéditas de acervos brasileiros, com debates acadêmicos e programas educativos.

Entre 2006 e 2011, realizaram-se doze grandes exposições de arte na Casa Fiat de Cultura. Trata-se das mostras *Arte Italiana do Masp (2006)*; *Speed – A Arte da Velocidade (2007)*; *Amilcar de Castro na Casa Fiat de Cultura (2008)*; *Com que roupa eu vou (2008)*; *A Arte dos Mapas (2008)*; *Olhar Viajante (2008)*; *O Mundo Mágico de Marc Chagall – O sonho e a vida (2009)*; *Rodin, do Ateliê ao Museu (2009)*; *Guignard e o Oriente: China, Japão e Minas (2010)*; *Olhar e Ser Visto (2011)*; *Tarsila e o Brasil dos Modernistas (2011)* e *Roma – A Vida e os Imperadores (2011)*.

Em 2011, a Casa Fiat de Cultura promoveu, entre abril e dezembro – em parceria com a Embaixada do Brasil em Roma e com o patrocínio da Fiat Automóveis –, o *1º Festival de Cultura Brasileira na Itália*, que levou à capital italiana o melhor da arte brasileira. Em 2012, a Instituição realiza as mostras de *Caravaggio e seus seguidores* e *De Chirico: O Sentimento da Arquitetura*, duas importantes exposições da programação do Momento Itália-Brasil.

Serviço:

Exposição De Chirico - O Sentimento da Arquitetura

Período: 29 de maio a 29 de julho

Local: Casa Fiat de Cultura – R. Jornalista Djalma Andrade, 1250 – Belvedere – Belo Horizonte (MG)

Horários: Terças a sextas, de 10h às 21h

Período: 29 de maio a 29 de junho

Local: Casa Fiat de Cultura – R. Jornalista Djalma Andrade, 1250 – Belvedere – Belo Horizonte (MG)

Horários: Terças a sextas, de 10h às 21h

Sábados, domingos e feriados, de 14h às 21h

Entrada e transporte gratuitos

Informações: 31 3289-8900 e www.casafiatdecultura.com.br

Visitas orientadas para grupos e escolas: 31 3289-8911 e agendamento2@casafiat.com.br

Confira a programação de palestras, cinema e atividades educativas no site.

Horários do transporte gratuito para visitantes*:

Praça da Liberdade/Casa Fiat de Cultura

De terças às sextas-feiras

9h30, 12h, 13h30, 15h, 16h30, 18h e 19h30

Sábados, domingos e feriados

13h30, 15h, 16h30, 18h e 19h30

Casa Fiat/Praça da Liberdade

De terças às sextas-feiras

10h15, 12h45, 14h15, 15h45, 17h15, 18h45 e 21h

Sábados, domingos e feriados

14h15, 15h45, 17h15, 18h45 e 21h

*Transporte sujeito à lotação de 15 passageiros

Informações para a imprensa:

Árvore de Comunicação

Polliane Eliziário - (31) 3194-8704/(31)8329-1513

polliane@arvoredecomunicacao.com.br